

Para professor, moratória já começou

ARNOLFO CARVALHO

da Editoria de Economia

"O Brasil já está em moratória de fato desde que começou a atrasar os pagamentos ao exterior, e o problema é saber em que termos esta moratória será formalizada" - afirmou ontem o professor de Economia da Universidade de Brasília, Lauro Campos, ao chamar a atenção para a gravidade da crise atual que, em sua opinião, pode levar a uma "economia de guerra" e ao fechamento político no país.

Se continuar o atual tratamento do governo à crise, segundo o economista, a "vitória" dos negociadores com os credores estrangeiros representará o aprofundamento da recessão interna. "Será uma verdadeira vitória de Pirro, se continuarmos na trilha atual" - adverte, lembrando que a única solução é romper as relações de dependência com o capital internacional, com a economia brasileira "voltando-se para dentro".

MARCO

Esta alternativa tem que começar pelo rompimento do Brasil com o Fundo Monetário Internacional (FMI), "pois não adianta colocar em prática mais um arrocho salarial para realizar uma nova concentração consumista no país, para reativar indústrias de bens de consumo como automóveis e geladeiras". Para Lauro Campos, este tipo de receita já foi tentada pelo ex-ministro Roberto

Campos e pelo próprio ministro do Planejamento, Delfim Netto, sem resultados.

O economista chama a atenção também para o fato de que a formalização da moratória brasileira não representará a solução de nenhum problema, "mas até o seu agravamento". Em sua opinião "a moratória será apenas um marco de referência num processo crítico, mas não resolverá nada e certamente as cláusulas da renegociação não serão cumpridas, como não foram até agora, exigindo novas renegociações".

O professor da UnB defende o ponto de vista de que os problemas da dívida externa, não teriam se acumulado se o governo tivesse tomado as medidas acertadas em 1974, logo após o primeiro choque do petróleo. "Ao tentar legitimar as estruturas de poder através de um aparente êxito econômico, o governo permitiu que a dívida evoluísse de US\$ 9 bilhões para mais de US\$ 90 bilhões atualmente" - afirma.

PACOTE

Quanto ao próximo pacote de medidas econômicas que está sendo preparado - cortes nos subsídios, redução dos gastos das estatais e possível desindexação da economia para que os salários não sejam ajustados pela inflação integral -, Lauro Campos acha que se trata de uma imposição do FMI que, no entanto, as autoridades não têm como colocar em prática. Ele

lembra que a "política da verdade" proposta pelo ex-ministro Roberto Campos, no Governo Castelo Branco, seguia a mesma linha de restrições creditícias, arrocho salarial, fim dos subsídios e reforma tributária para aumentar a arrecadação do Estado.

Campos acha que qualquer governo "precisa estar muito bem respaldado, com apoio popular", para colocar em prática as medidas ditadas pelo FMI para reequilibrar o balanço de pagamentos - através de um superesforço de exportação - e baixar a inflação, via redução do déficit do setor público. "Numa situação como a brasileira é muito perigoso seguir os conselhos daquele organismo internacional" - adverte o professor de Economia, lembrando que "o peso de todas as médias acaba caindo sobre a classe assalariada, cuja explosão resultaria num fechamento político".

A solução para o país, de acordo com Lauro Campos, seria, romper com atual padrão de relações internacionais baseado na dependência do capital externo e, ao mesmo tempo, colocar em prática um novo modelo voltado para a produção e o atendimento das necessidades internas da economia. As consequências do fechamento da economia, com provável racionalização de combustíveis devido à falta do petróleo importado, seriam compensadas pelo desenvolvimento do mercado interno.